

PASQUIM

Rio, 27/11 a 2/12 — N.º 23 — NCr\$ 0,50 — Os Estados Unidos têm Herman Kahn, o futurólogo; o Brasil tem Nelson Rodrigues, o passadólogo.

1969



DOSSIÊ

Histórias de militância no Rio de Janeiro por meio de histórias de vida

O Pasquim, n. 23. Data: 27 nov. a 02 dez. 1969.

Acervo: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro/Fundo RioArte/Imprensa Alternativa
BR.RJ.AGCRJ.IA.JOR.16.39.65-39.74

Apresentação

O homem que cavalga longamente por terrenos selváticos sente o desejo de uma cidade. Finalmente chega a Isidora, cidade onde os prédios têm escadas de caracol incrustadas de búzios marinhos, onde se fabricam artísticos óculos e violinos, onde quando o forasteiro está incerto entre duas mulheres encontra sempre uma terceira, onde as lutas de galo degeneram em brigas sangrentas entre os apostadores. Era em todas estas coisas que ele pensava quando desejava uma cidade. Assim Isidora é a cidade de seus sonhos: com uma diferença. A cidade sonhada continha-o jovem; a Isidora, chega em idade avançada. Na praça, há o paredão dos velhos que veem passar a juventude; ele está sentado ao lado deles. Os desejos são já recordações.

Ítalo Calvino. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 12.

Isidora, imaginada por Ítalo Calvino, é a cidade que com toda a sua modernidade, agitação e disputas ocupava o desejo e as fantasias de um jovem cavaleiro.

A cidade é o espaço aonde se abriga manifestações culturais e políticas que povoam o imaginário e a vida dos que por ali circulam. O Rio de Janeiro na segunda metade do século XX prosperava: aumento do número de cinemas, aumento do volume de carros nas ruas, arranha céus cortavam a paisagem, reformas urbanas removiam favelas, havia conflitos pelo espaço

por meio de manifestações à direita e à esquerda, batalhas campais entre Exército e estudantes, amores, música, prisões, centros de tortura, violência. A cidade é um privilegiado lugar de memória. No que diz respeito à memória política carioca de meio século atrás, os desejos de outrora são hoje recordações.

O objetivo deste dossiê é apresentar biografias de pessoas que passaram algum momento de sua vida fazendo política e vivendo a cidade do Rio de Janeiro. Seja nas favelas, na clandestinidade, experimentando novas descobertas, ou na prisão.

O desafio da escrita da História, da história de vida, encontra-se na constante reinvenção teórica e metodológica. Testemunhar o que não se viu, biografar quem não se conheceu coloca-nos frente a questões que passam sobre os limites do que são fatos e o que é ficção. Autores como Max Frisch e Sabrina Loriga, chamam a atenção para o risco de pobreza do gênero biográfico, pois se somente achatada aos fatos, tira a riqueza e complexidade da vida do sujeito, e dá uma demasiada atenção à construção da realidade. Reduz a vida a uma série de ações:

Lugar comum absurdo quer que o indivíduo seja aquilo que faz. Tudo aquilo que temos medo, todos os nossos desejos mais loucos, nossas angústias: esse é o conjunto de coisas que nossa biografia não reflete, que faz a pessoa. Provavelmente um indivíduo jamais fez isto ou aquilo por jamais ter ousado se arriscar (LORIGA, 2011, p. 33).

O conjunto de textos que compõem este dossiê vai na contramão dos receios dos pesquisadores citados, pois eles nos apresentam diversos aspectos dos personagens eleitos, buscando a dimensão do humano, do contraditório, de cada um deles e sua relação com a cidade.

O artigo de Luciana Wollman, **Da eleição à cassação: a atuação dos parlamentares comunistas na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (1947-1948)**, apresenta a trajetória de seis deputados comunistas: Paschoal Danielli, Horácio Valladares, Walkírio de Freitas, Lincoln Cordeiro Oest, José Brigagão e Celso Fernandes Tôrres, em um período em que o Partido Comunista Brasileiro (PCB) atuava como principal força política capaz de articular os movimentos coletivos dos trabalhadores. Nas eleições constituintes realizadas em 19 de janeiro de 1947, formaram a quarta maior bancada comunista do Brasil daquele período. Os parlamentares fluminenses tiveram uma atuação destacada, não apenas dando visibilidade às reivindicações dos

trabalhadores, mas também colocando em pauta assuntos concernentes à economia e a política nacional. Eleitos em um período de inflexão dentro do partido, que mudaram os rumos da sua linha política, os parlamentares comunistas procuravam manter o compromisso com a diretriz partidária da “União Nacional” ao mesmo tempo em que discutiam os rumos da democracia recentemente reconquistada no país.

O segundo artigo, de Dulce Pandolfi e Samuel Oliveira, intitulado **“Dr. Magarinos Torres Filho”: a formação social nas classes médias e a luta nas esquerdas do Rio de Janeiro (1940-1950)**, discute a trajetória de Antoine Magarinos Torres (1916-1966), que se destacou no cenário carioca como o “advogado das favelas”. Em torno desse personagem, a cultura política carioca criou o mito do homem providencial para as favelas. Magarinos Torres é um “personagem símbolo” através do qual se exprime uma visão coerente e completa do destino coletivo das favelas cariocas. Através dele, constroem-se representações que orientam em termos políticos e morais as condutas e comportamentos políticos nos movimentos sociais de favelas no Rio de Janeiro, tendo destaque principalmente na memória social do Borel. As relações do advogado com a constituição das classes médias no bairro da Tijuca e com o comunismo ficam aí completamente ofuscados na imagem do “advogado das favelas”.

Maria Cláudia Badan Ribeiro lança luzes sobre o escritor e militante belga Conrad Detrez. Em seu texto **Conrad Detrez: o romance como arma de combate**, Ribeiro apresenta a escolha de Detrez de se tornar e de permanecer revolucionário pelos escritos, a revolta contra Deus, contra o homem, explica a tentativa do escritor e militante de participar da História e de suas manifestações mais autênticas, entre elas a da ação revolucionária e de sua reinvenção na cidade carioca no meio homossexual.

Em **Militância feminina no Rio de Janeiro: memória, clandestinidade e revolução**, Juliana Nascimento analisa as memórias sobre a militância clandestina de Iara Iavelberg e Dilma Rousseff. Ambas com grande projeção, principalmente entre as esquerdas, têm seus passados de engajamento político lembrados com frequência na batalha pela memória sobre a ditadura civil-militar. Aqui a autora lança luzes sobre as ações desenvolvidas por essas mulheres durante seus períodos de clandestinidade, que tiveram lugar, principalmente, no Rio de Janeiro.

Por fim, em **Fragmentos da vida de Inês Etienne Romeu: o encarceramento no presídio Talavera Bruce (1972-1979)**, busquei recuperar parte da vida de Inês Etienne Romeu (1942-2015), ex-dirigente da Vanguarda

Popular Revolucionária (VPR), única sobrevivente do centro clandestino de detenção em Petrópolis e última presa política libertada, no ano de 1979. Apresento alguns episódios sobre o período posterior à sua saída da Casa da Morte: o assédio dos agentes de repressão durante sua internação em uma clínica de saúde mental; a legalização de sua prisão no Rio de Janeiro; seu julgamento, que resultou em uma condenação à prisão perpétua; convivência e divergências com as colegas de prisão; casamento; e exclusão da lista de anistiados políticos.

Espero que todos tenham uma ótima leitura!

Referência bibliográfica

LORIGA, Sabina. O pequeno x. Da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ISABEL CRISTINA LEITE

Pós-doutoranda na Universidade Federal Fluminense (UFF)

Recebido em: 22/05/2019

Aprovado em: 24/06/2019